

215
OCTAVIO LEAL

MARIA RITA



SEMANARIO

MEMORISTICO

Directão litterária de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SÉRGIO

OCTAVIO SÉRGIO



À ESPERA DO MILAGRE



Segundo o «Diário de Notícias», os monárquicos do Norte depuseram aos pés da Virgem na Igreja dos Congregados, um ramo de flores, pedindo-lhe que continue a protegê-los.

Propriedade da Empresa do Magazine «Civiiiização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

A
ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

É para o POVO a garantia de que
bebe bons VINHOS e baratos!!!

Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos

14 ADEGAS:

- Rua do Bomjardim, 361-363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Telef. 5617.
- Rua das Fontainhas, 193-195.
- Rua do Teatro de S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila).
- Rua de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristovam). Telef. 5802.
- Rua da Constituição, 1395.
- Rua de S. Roque da Lameira, 2785.
- Avenida Fernão de Magalhães, 53-55. Telef. 2484.
- Largo Campo Martires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria).
- Largo Maternidade Julio Diniz, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).
- Travessa da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores). Telef. 905.
- Rua Anselmo Brancamp, 633.
- Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

Na FOZ — Rua Senhora da Luz, 238-242. Telef. 314 — FOZ.
Em MATOZINHOS — Rua Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto). Telef. 275 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR
é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos,
a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA
de vinho autêntico velho do Porto!

Se algum dia a

MARIA RITA

mudar a sua característica toi-
lete, irá fazê-lo de-certo na céle-
bre casa de modas

Albano Ramos Pais

NA

Rua de Sá da Bandeira

e ficará na ÚLTIMA MODA

Muita gente julga que o

PINTO Camiseiro

faz só camisas bem feitas. Mas
a verdade é que êle faz de tudo
o que diz respeito a camisaria:
ATÉ BONS PREÇOS.

NAS →

Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO,
todos os artigos teem um
cunho parisiense inexecdível

• **AUX GALERIES LAFAYETTE** •



RÁDIO



TELEFONIA



V. Ex.^a está comprador de um receptor ou de qualquer
acessório para T. S. F.?

Recomendamos-lhe, no seu próprio interêsse, não tome
qualquer resolução sem visitar a **CASA FORTE**, o maior
depósito de artigos de Rádio.

As primeiras marcas americanas e europeias estão ao
dispor de V. Ex.^a aos melhores preços do mercado.

CASA FORTE

SÊDE — Rua Sá da Bandeira, 281

FILIAL — Rua Santa Catarina, 20

PORTO — Telefone 4111



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Acabo de ler um artigo, firmado por Adolfo Marsailhac, e que parece escrito por um daqueles poetazinhos alemães, já imitados em Portugal, apostados em cantar nos mais variados tons a beleza masculina, com inteiro desprezo da feminina,

Intitula-se essa produção *No belo sexo abundam os exemplares feios*. E rompe por esta afirmação: «Só por galanteria se pode chamar belo sexo à metade mais feia do género humano». Afirmação que é justificada da seguinte forma: «Em rigor, não se lhe deve chamar assim, atenta a esmagadora e imponente maioria de mulheres feias. Desde o feio tolerável ao feio subversivo — por pouco diria: obscuro — as mulheres feias levam sobre as formosas uma vantagem numérica de muitos milhões. Em todos os países, e em todas as latitudes».

Nem mais nem menos. Em abôno da sua tese, Marsailhac vai buscar Stendhal, que em cem francesas só encontrava uma bonita; Amicis, que constatou na Espanha uma extraordinária proporção de feias; Schopenhauer, para quem a morfologia feminina era uma coisa monstruosa; Platão, para cujo gosto estético valia infinitamente mais um rapaz de dezóito anos que uma rapariga da mesma idade; e tantos outros mal-humorados autores, que possivelmente lançavam ao papel estas e quejandas blasfêmias numa idade em que já lhes não era possível apreciar devidamente a beleza das mulheres.

Por mim, permito-me discordar em absoluto das considerações exaradas por tão altos escritores. A um homem bonito, — se é que há disso — hei de preferir sempre uma mulher, mesmo feia. Antes a Vênus Calipígia que o Apolo de Belvedere. Antes a Flora da Cordoaria que o Ganimedes do Campo da Regeneração.

Duvido, mesmo, que exista a beleza masculina. Se a há, deve andar por longe, pelas ilhas Haway ou no interior da África. Em Portugal, nunca passei por ela. Coloquem-se os meus leitores durante uma hora no Passeio das Cardosas, vão examinando atentamente os transeúntes e registando no seu canhenho as pessoas belas que passam, — e verão como enchem em pouco tempo a coluna das mulheres, ficando a dos homens em branco.

Certamente, terão passado alguns homens de quem se possa dizer: — «Que amor de rapaz!» Sempre a *lavière* do sr. Júlio Ribeiro, as polainas do sr. Anibal de Moraes, os bigodes dos srs. Vítor França e Artur Pereira Braga, o côco do sr. Jaime de Sousa, as lunetas do sr. Antero Moreira e as botas enrançadas do Dr. Amílcar, se gravarão indelêvelmente nas retinas das raparigas. Mas, em formidável contraste, quantas mulheres inegavelmente bonitas! Tantas e de tão excelente qualidade, que chega a gente a ter pena de não ser o omnipotente Júpiter, para as envolver a todas na mesma nuvem de ouro.

E' injusta, portanto, a verrina de Marsailhac, que só seria desculpável se êle fôsse um artista, — pintor ou escultor. Estes, em matéria de anatomia das formas, teem direito a ser um pouco

mais exigentes. Rodin, por exemplo, afirmava que a beleza feminina é culminante na época da puberdade virginal, entrando a decair apenas a mulher se casa ou transpõe o cabo dos vinte anos. Para Artur Loureiro, a formosura da mulher atingia o acume aos dezóito anos, declinando a seguir. O que não quer dizer que não apareçam «bons bocados com trinta e quarenta anos». Porque há mulheres muito melhores na idade madura do que na adolescência. E se a história as não regista, é porque todas elas teimam, invariavelmente, em não passar dos vinte-e-cinco.

A beleza masculina...

Deambula a gente por essas praias, agora que o calor aperta e é de uso os banhistas mergulharem nas salsas ondas, ou torrarem-se à soalheira, pouco menos que nus. Examinemos as mulheres: graciosas e fortes ao mesmo tempo, cabeça proporcionada, pescoço sólido, peito amplo onde os dois cordeiros de Salomão não saltitam porque parecem retesados por molas de aço, abdomen liso, pernas esculturais e brancas. Beija-as o sol, o ar marinho, o olhar cúbido dos espectadores. Todas elas prometem amor, vida, alegria, mocidade. Quasi todas são perfeitas, transudam harmonia, admiráveis de plástica e flexibilidade.

Contemplemos, agora, os homens. Cinqüenta por cento são calvos, oitenta por cento apresentam o peito revestido de densa floresta capilar, os braços de muitos são flácidos e esguios como tentáculos de polvo, o ventre apresenta a forma de um garrafão de Aguas do Luso, e os membros inferiores, arqueados em parêntese, são recobertos de mais penugem que um cobertor de papa...

E' isto beleza? E' assim que o macho humano pretende ser mais formoso que a fêmea?

Tenham paciência os detractores das mulheres. Mas se Platão, Stendhal, Schopenhauer, e o próprio sr. Marsailhac nos apparecem agora em *maillot* de praia, — como elas ficariam vingadas!

Frases feitas



Ele — *Sobe por mim acima e chama-me Ernesto...*

Marcial JORDÃO.

Balancete da semana

Houve, outrora, uns solifugos curiosos,
freqüentador's do "Passos" e "Trindade".
E'ram gentis, tépidos, langorosos,
trabalhando em esferas, silenciosos,
de hábil mão criminoso que persuade...
Ao "Hig-life" também, — eu conto os factos, —
os meus jovens recatados iam

ver se ali conseguiam
permuta de contactos...
Rangiam dentes grandes e pequenas,
naquela doce treva, enorme e estranha...
Apanhavam-se loiras e morenas,
...e por vezes, também, uma castanha...
Ai da mamã que adormecesse ali,
deixando a filha só
entregue à fita muda; — pois bem vi
mais do que uma sair do antro avó...

.....
Hoje, porém, como no *Estudante*
Alsaciano que perdeu de moda,
tudo mudou. — Semblante
sem expressão, insexual, pedante,
freqüentador daquela boa roda
que não avêsa cheta
mas guarda pergaminhos na gaveta,
— o "Cinéfilo" adora um bom programa
da "Paramount" ou "Ufa".
Virgem, seu coração inquieto, rufa
por uma "star" qualquer. Rasga-se e bufa,
numa vertigem da loucura irmã,
ao vê-la perpassar além, no "écran"...
Mas fica por ali o pacataz.
Se a desejada "star" fôsse capaz
de descer da "pantalha"
do "Águia" ou do "Batalha",
e lhe dissesse:

— "O' meu precioso amigo,
"anda d'aí comigo!
"Quero morder o fruto do pecado,
"embora seja ruim,
"e após um meio-bife mal passado
"no António Joaquim,
"bem passas uma noite nos teus braços!"
O jovem, nessa altura,
com trágicos engulhos na fressura,
p'ra se livrar de sérios embarços
que tu, leitor, prevês,
p'ra não morrer de medo,
deitaria a fugir a sete-pés...
— "Uma mulher de carne e ôsso? Ai credo!" —
.....
Cinéfilos? Oh! Não! — E' bem melhor
"cinéfagos" chamar-lhes, meu leitor...

*

Uma "raquette" e bolas. Taco e bolas.
Vinte e dois pés e uma só bola. — E
tu, Povo amigo, todo te consolás...
Basta uma bola — e a Humanidade ri...

*

Todo me liquefaço... Estás a ver,
continua o calor...
Só me faltam peixinhos, para ser
um lago encantador!

A elegância das Senhoras

Lêmos todos os dias o nosso *Janeiro*,
e é com verdadeiro prazer que saborea-
mos a prosa sugestiva e clara do nosso
querido primo Marques Guedes.

Por tal motivo não nos passaram
despercebidos os seguintes períodos
duma das suas brilhantes cartas da capi-
tal, referentes ao Estoril:

Exibem-se os mais ousados *maillots*,
expondo nudezas, nem sempre esculturais.
Os pijamas aparecem em profusão. Em
regra, não favorecem as mulheres portu-
guesas, que são baixas de estatura e tem
pernas curtas.

As Senhoras portuguesas não levan-
tam a bem a observação, e pensam em
promover uma exibição pública de gâmbi-
bias, na qual pretendem demonstrar,
praticamente, que tem as pernas com-
pridas, bem feitinhas e boas como o
bom melão.

Compridas e Curtas

Nós não faltaremos à exposição,
dando assim o nosso apoio visual, já
que não pode ser palpável, ao sexo belo
da nossa terra.

Entendemos, porém, que as mulhe-
res portuguesas se não devem zangar
por terem as pernas curtas.

Porque se isso depõe um pouco em
desabôno da estética, depõe muito e
muito em favor da honestidade.

As nossas mulheres são curtas de
pernas? Seja assim.

E as estrangeiras? Ái, essas, meus
caros leitores, são curtas no corpo todo.
Curtas! Mas que curtas!...

Será piada?

Quer-nos parecer que o nosso ilus-
tre camarada Marques Guedes, quis com
a sua nota sôbre estética feminina, jogar
uma bisca cá ao nosso jornal.

Baixa e com pernas curtas, não será
piada à nossa MARIA RITA?

Verdade seja que êle não falava nos
óculos.

Mas êsse pormenor não seria para
disfarçar?

A estética das inglesas

Na mesma carta, e referindo-se às
inglesas, diz o querido primo: "*altas*,
esguias, *elegantes*, *no conceito que há*
agora da beleza feminina, que implica
a magreza e linhas quâsi rectas".

Mulheres esguias e sem curvas para
uma derrapage, não são mulheres, são
cabos de vassoura ou paus de virar
tripas!

A elegância do parafuso! A estética
dos postes telefónicos!

E a gente, de noite, onde se há-de
agarrar? Aos fios?!...

O CALOR

As suas causas. Os seus efeitos. Como se sua e porque se sua. A verdadeira fonte da célebre frase "ganhar a vida com o suor do seu rosto"

Como VV. Ex.^{as} teem sentido, o calor chegou. Veio num combóio-mistério, mas veio mesmo. Os desgraçados termómetros de parede que já há muitos anos não passavam dos 33, êste ano, coitados, tiveram de pôr cá para fora mais décimas do que uma sociedade por quotas. E aí está a célebre fôrça e capacidade do contribuinte: de entre mil e duas comunicações que recebemos de todo o país acêrca do calor, não consta que em parte nenhuma tenha arrebitado algum termómetro.

As causas do calor

São as canículas, segundo ouvimos dizer: As canículas, segundo reza a Bíblia, são umas canas pequenas por onde o calor tem de passar. É por isso, em virtude dessa cana, que a água se toma em aguardente. E já que ficamos perto: ardente, quer dizer que arde, e pronto.

É um calor de radiar pedras e de assar bifes na cabeça dum careca.

Também, se dermos crédito à abalissada opinião do sr. Engenheiro Cunha Marques, 1.º prémio de beleza em Galveston e engenheiro dado às calorías eléctricas, a causa mais próxima dêste calor desusado é a seguinte:

O Trópico de Capricórnio desde há muito que tinha a sisma de montar uma sucursal na Europa. Todos os dias, como sabem, chegam novos enviados, e êste ano resolveu-se enfim. Temos portanto na Europa o Capricórnio a reinar.

Os seus efeitos

São medonhos. Além de rachar as pedras, tem outros inconvenientes. Não há dinheiro que chegue para cervejas, é preciso mudar de peúgas duas vezes por semana, e custa imenso usar cuecas integrais.

Quem se aproveita dêle

São os aguadeiros e os cervejeiros, o que vem tudo a dar na mesma. De há tempo para cá então tem aparecido pela Praça uma verdadeira chuva de aguadeiros, 25 contei eu de uma só vez de volta do novo edifício do Banco de Portugal. Também gostam dêste tempo os tipos menos sérios: sim, porque com êste calor, tôda a gente tem de ganhar a vida com o suor no rosto.

TELEGRAMAS RECEBIDOS

Gaia, 9 — Continua um calor insuportável. Vinhateiros desesperados falta de água. Derreteu o "Supositó-

rio da Avenida!" Grande consternação habitantes. Diversos Retos desta vila protestam indignadamente. — (C).

Manteigas, 8 — Fim do mundo por aqui. Calor excessivo, mata colheitas,

emmagrece gados, racha calhaus. Habitantes desta vila alarmados com risco de verem derretido o nome da sua terra. Manteigas quási derretida já. — (C).

Vila Nova de Mil Fontes, 7 — Por aqui um horror. Já secaram 999 fontes. Olhos dos milefontenses cravados na única que lhes resta. — (C).

Certã, 8 — Simplesmente um horror. Povo aterrado frige sardinhas sem lume, a certão trabalha ao sol por si só. — (C).

(Continua no próximo número).

PERFIS DO PORTO

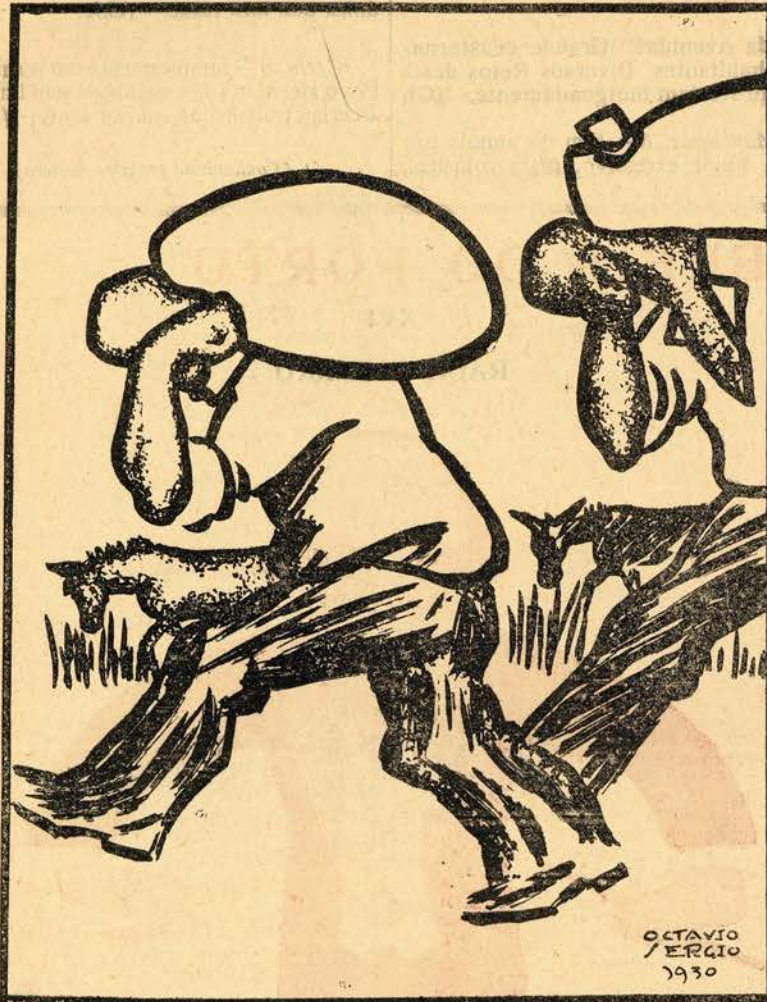
XVI

RAUL CASIMIRO



Neste perfil que é de frente... dos outros, desenha-se Raúl Casimiro, o magnífico artista do canto coral, bom rapaz, admirável amigo. Só tem um inimigo, e êsse mesmo mitológico: o Orfeu.

LEGENDA DESCRITIVA



Enquanto os homens trabalham as bēstas comem

Caçadores

Da perdiz, por qualquer canto,
anda à caça tôda a gente
devota, — profundamente,
de Huberto, — patrono e santo.

Outros, então, — é um facto —
não caçam lebres, coelhos;
mantém os costumes velhos
de apenas caçar no prato...

E tu, leitor — o que alegas!
Não gostas da venatória,
dêste desporto?! Ora história...
Não caças "pardais", nem "pêgas"?

João do MINHO.

Postal multado

A BOINA FEMININA

Não é mais do que a amostra de um chapéu
E, quer o tempo quente ou arrefeça,
A' chuva, ao sol, três quartos da cabeça
Expulsos ficam, tristemente, ao léu...

Diz o povo que o frio Deus o deus
Conforme a roupa que o corpinho aqueça...
Ao homem — que à mulher a moda expressa
Veste ou despe a capricho todo seu!

Boinas lisas, às pintas, rendilhadas,
Passando, sôbre a orelha equilibradas...
Fica um homem consigo a repetir:

Qual a crise, afinal, que se atravessa?
— E' falta de chapéu para a cabeça,
Ou falta de cabeça p'r'a cobrir?...

FILÓSOFO.

A campanha naturista

O Doutor Amílcar continua à Esquina...

O nosso simpático afilhado, Dr. Amílcar de Sousa, — que vegeta na esquina duma rua, engulindo bananas e trincando pêssegos, — tôdas as quinta-feiras nos mimoseia, no "Janeiro", com uma fresquíssima salada de frutas a duas colunas.

E' no mesmo dia da semana, em que o nosso primo Júlio Dantas nos fala, em fundo, das suas loiras inglesas e dos seus "bout dorées" perfumados.

Por tal motivo, é que muita gente chama ao simpático médico frugívoro, o Júlio Dantas da segunda página.

Tudo à pai Adão

O parque naturista do Castelo do Queijo

Numa das suas últimas "Esquinas do Paraíso", defende o apaixonado das pêras, mais uma vez, o nudismo integral e completo, o nudismo todo nu, o nudismo absolutamente nu e cru.

Pretende o nosso afilhado, que homens e mulheres vão para as praias tostar o peito, as costas, as pernas e ilhas adjacentes, com o corpo à pai Adão, estirados na areia, com o nu para baixo e o cru p'r'ó ar!

Para que tal se possa fazer, ao abrigo da polícia, o nosso doutor dos pêssegos reclama um parque naturista, indicando para isso o local existente junto do Castelo do Queijo.

Achamos esplêndido. Os senhores estão a ver, as pessoas dos dois sexos, deitadas na areia, de barriga para baixo, a tomar banhos de sol, junto ao Castelo do Queijo... E nós de longe, sem podermos diferenciar, no meio de tantos queijos, qual era o queijo que pertencia ao Castelo...

Posta restante

Do Fininho (Lisboa) — Nunca mais vimos nem lêmos uma carta sua. Olhe que a MARIA RITA, estima tôda a gente; mas tem por aqueles, que como v. são de cá, uma simpatia especial. Mande produções suas ou deslises dos outros. Gratíssimos sempre.

J. das Crastas — Tenha paciência, mas aquela sua glosa do 14 de Braga, era muitíssimo fresca para Agôsto. Está no entanto impecável. Desculpe e mande sempre.

Zê Maria (Aveiro) — O seu, a seu tempo, cá virá, se Deus quiser, o seu anexam. Quanto à anedota essa é por demais conhecida, e nem todos os versos estão perfeitos. Mas não deixa de ter jeito. Mande mais verificações, aproveitando outras anedotas menos conhecidas. Valeu?

Dr. Astarte — Portas absolutamente franqueadas. Mas o que nos mandou tem um pequeno senão: versa coisa já espolhada na MARIA RITA. Faça uma secçãozinha de coisas internacionais e mande para cá. Grátis pela preferência.

Mário Rito (Penafiel) — Então que é feito? Gelou a inspiração? Venha de lá qualquer coisa amiga e engraçada.

Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-:-

Transcrevemos do *Diário da Noite* de 1 de Agosto de 1932:

Um caso engraçado

Hoje, de manhã, passava na Avenida Fontes Pereira de Melo uma carroça pertencente à Companhia do Trem Hipomovel e guiada pelo soldado n.º 232 daquela unidade. A certa altura do percurso, o condutor da carroça sentiu voar-lhe o boné, e como não estivesse para maçadas, pediu, lá do alto do veículo, a uma mulher que passava, que lho apanhasse. Esta que, pelo visto, embirra com a tropa, e não costuma fazer favores, voltando-se para o «magala», de saias levantadas, mostrou-lhe aquilo que o pudor manda, a todas as senhoras, guardar.

Depois, numa atitude que tinha qualquer coisa de trágico e hilariante, ao mesmo tempo, agachando-se, a urinar para dentro do boné, enquanto o «magala», palido como um cadáver, a praguejar, corria a pedir o auxílio da polícia de giro.

Esta não precisa comentários. Bastará dizer-se como o povo: «Quem quer vai, quem não quer manda». Agora quem deve ter ficado satisfeito é o Costa Braga de Lisboa!

O *Primeiro de Janeiro* de um dia destes trazia a fotografia duma auto-bidete que um português inventou, e cujo motor tem a configuração duma banheira. Em Gaia já há monumentos em forma de supositório e de semicúpulo. E ainda temos esperança de ver aeroplanos em forma de bidé e combóios transformados em W. C.

Na Rua de Santa Catarina, quasi à beira da feira da Atlas, existe uma drogaria que tem um preparado infalível para matar todos os insectos que nos consomem pela vida fora e pelo corpo dentro. A este preparado deu o seu inventor o nome de *Pirocida*, o que é lógico. Mas houve um brincalhão que certo dia trocou uma letra por outra. Foi um pasmo geral, e a policia proibiu.

Do *Jornal de Notícias*:

Rainha da Beleza

Alguem chama a nossa atenção pelo simples caso de não ter sido feito o convite á «Rainha de Beleza do Brazil».

E nós, dizemos o seguinte:

Em Vizela há só turismo para cobrar aos arquiastas, e com referencia ao resto nada há...

Os proprietários do Hotel Sul Americano tiveram a ideia de lembrar á Comissão de Iniciação e Turismo destas terras, para que fosse feito um convite por essa entidade para a «Rainha» visitar as nossas terras, que elles hoteleiros de iniciativa, davam a hospedagem e mais alguma coisa de graça.

Tiveram resposta do turismo negativa, dizendo que não podiam gastar dinheiro. E' caso para dizermos: — estamos numa terra de estrangeiros...

Isto não se faz, sr. informador. O público gosta sempre que lhe digam tudo. E nós ficamos sem saber o que é que os proprietários dos hoteis davam á Rainha além da hospedagem de graça. Ficamos a pensar e a nossa mente vai, sem querer, pôr-se a pensar numa meia dúzia de tostões.

E agora vamos, como não podia deixar de ser, ao

“Ecos de Cacia”

Comecemos pelo artigo de fundo. Vejam essa beleza:

Os homens gabam-se so a si proprios, raramente gabam o seu semelhante, salvo o caso de, bajulação, em esperança de benesse em perspectiva, se esse «alguem está em caso de lh'a poder dar; e nunca gabam a sua mulher — se são casados, — por causa de um motivo que agora não digo...

A mulher gaba-se a si propria do que e não sabe, e o que é mais, gaba tambem o marido, chegando ao exagéro de quazi o colocar nos corninhos da lua.

Vejam os senhores! Os homens nunca gabam! E as mulheres em vez de os aconselharem a sulfato, põem-nos nos corninhos da lua! E é isto um artigo de fundo, salvo seja!

E vamos a uma notícia, pedindo a VV. Ex.^{as} o favor de contarem quantos erros aí ficam:

Estão-se ativando os ultimos contratos para a grande festa de S. Bartolomeu em 27, 28 e 29 de Agosto proximo em Sarrazola.

A comissão, á testa da qual está o nosso amigo sr. João Costa, não se tem poupado a socrefícios para que este ano, a testa do Padroeiro d'aquelle logar fique gravada nos povos circunvezinhos.

Brevemente aqui dirêmos aos nossos leitores qual o seu programa a traçar, o que desde já podemos garantir, é que a festa d'este ano, vai ficar no olvido de muita gente.

Isto ainda há de ser um dia motivo para um concurso: quem adivinhar todos os erros ganha um prémio.

Serviço de exames

— Entraram no dia 16, pela Dig.^{ma} professora, D. Elvira da Conceição Portela, as suas alunas, meninas:

seguem-se os nomes, é claro.

A nossa admiração provém apenas das meninas terem saído da senhora professora. Ainda se fôsse o contrário, vá com os diabos!

Passemos agora à «Secção de Beleza» do *Ecos de Cacia*.

Nós devemos lavar-nos para que não se tapem os poros.

Os cuidados que devemos ter com as unhas, é não as deixar crescer muito, nem com coisas dentro.

E com as mãos, é lavalas sempre três vezes por dia, para que os poros não se tapem, porque, se elles se tapam, não podemos fazer a respiração cutidiana através da pele.

Se as mãos, nós não poderiamos viver.

Esgueira — Julho de 392. — G.

Ficamos sabendo, portanto, que as unhas não se devem deixar crescer com as coisas dentro, e com as coisas fora. E que sem mãos não se poderá viver.

Mas não haverá por aí nenhum maneta que demonstre o contrário a este senhor de Esgueira?...

Do celeberrimo correspondente de *Mataduchos*:

(Nova encomenda de bananas)

Dizem nos que, o mesmo estabelecimento a que, no ultimo N.º aqui, nos referimos, vai fazer nova encomenda do precioso fruto ilhéu, para ser vendido ao mesmo preço de 10 centavos cada dúzia; o proprietario do estabelecimento como teve elevados lucros em tal negocio razão porque novamente vamos ter em Mataduchos mais Bananas...

E' natural que a mesma freguezia da gósma lá esteja caida novamente! Alérta pois!!

Isto é que é português de lei. E a freguesia da gósma até fica abananada com este palavriado. Rogamos ao sr. Ministro da Instrução o favor de chamar à ordem o professor oficial de Mataduchos.

E por hoje ficamos por aqui, acrescentando apenas o seguinte: Há muita gente que duvida da existência do *Ecos de Cacia* e julga invenção nossa o que publicamos como recortado do célebre jornal. Aos descrentes declaramos ser absolutamente verdadeiro tudo o que inserimos, e pomos à sua disposição a consulta dos originaes.

Ao amável remetente dos exemplares correspondentes ao 2.º aniversário do *Ecos*, que no próximo número comentaremos, muito e muito obrigado.

UM dia, o jornalista, que então vivia no Brasil, achava-se no Consulado de Portugal, no gabinete do Cônsul.

A certa altura, um contínuo anuncia que uma senhora portuguesa recém-vinda de Portugal, carecia de falar ao Sr. Cônsul. Dada a respectiva ordem, entra a madama, um metro e setenta de carne limpa e perfumadíssima, com o mais celestial dos semblantes. Como se diria em francês: um *bon morceau de lui*.

Carregando um tudo nadinha nos *erres*, era natural de Setúbal e tão frescalhota como uma laranja cheia de sumo.

A madama explica em palavras confusas, por entre sorrisos e reticências, que são autênticos cartões de visita com número da porta, telefone e tudo, a sua precária situação económica, ali perdida naquele *labarinto*, vocábulo sem morada certa com que definia o Rio de Janeiro.

O Sr. Cônsul, piscando o olho ao jornalista, acabava de entrar na compreensão absoluta. E estendendo a dextra em requinte de delicadeza, apresentou o jornalista, rematando: olhe, minha Senhora, este nosso compatriota é que, pela sua alta situação poderá, com proveito para ambas as partes, tratar do caso.

A vénus de Setúbal, ao ouvir falar em ambas as partes, ruboriza-se um tanto e põe os olhos no chão, em sinal de profundo respeito...

Diante daquele bilhete inteiro da Lotaria Amorosa, o jornalista pigarreou, solenemente e disse, com ares de protector... para o calçado e o mais que fôsse preciso:

— Pois, minha Senhora; eu estou inteiramente às suas ordens para o que lhe servir.

E combinado que voltaria ao outro dia à mesma hora para ver se eu já teria arranjado alguma colocação condigna do seu valor comercial, a de Setúbal, às arreguas e contumélias, despediu-se por fim.

Começa agora, lealmente previno o leitor, a parte mais emocionante deste verídico conto.

Mal que a beldade lusa virou as costas eu, precipitadamente, rapo do chapéu, despeço-me do Cônsul, a quem aperto a mão, cheio de entusiasmo lírico-pornográfico, e desço as escadas a quatro e quatro. Ao virar da esquina avisto a minha próxima futura protegida, a quem, fazendo-me Lucas, dou um tremendo encontrão.

— Ah! queira desculpar... Mas... Vocelência por aqui?

E ela, como a Ilda Stichini na parôla

UM BEIJO NA MÃO

IDÍLIO DE AMOR

da *Menina do Côro*, vá logo de perguntar e responder ao mesmo tempo:

— Como está, passou bem? Bem, muito obrigado.

Convidada a tomar chá, recusou a princípio, dizendo que podia por acaso ser vista por alguém de Setúbal que botasse mau *sintido*, porque torna e

porque deixa, nem eu calculava a má língua que teem os de Setúbal. Uma cambada, e, no fim, tudo invejidades...

Por fim tranqüilizei-a como pude, garantindo-lhe sob palavra de honra que o Rio de Janeiro é uma cidade com perto de dois milhões de habitantes...

Entramos, pois, na *Nice* onde abancamos a uma mesa de chá.

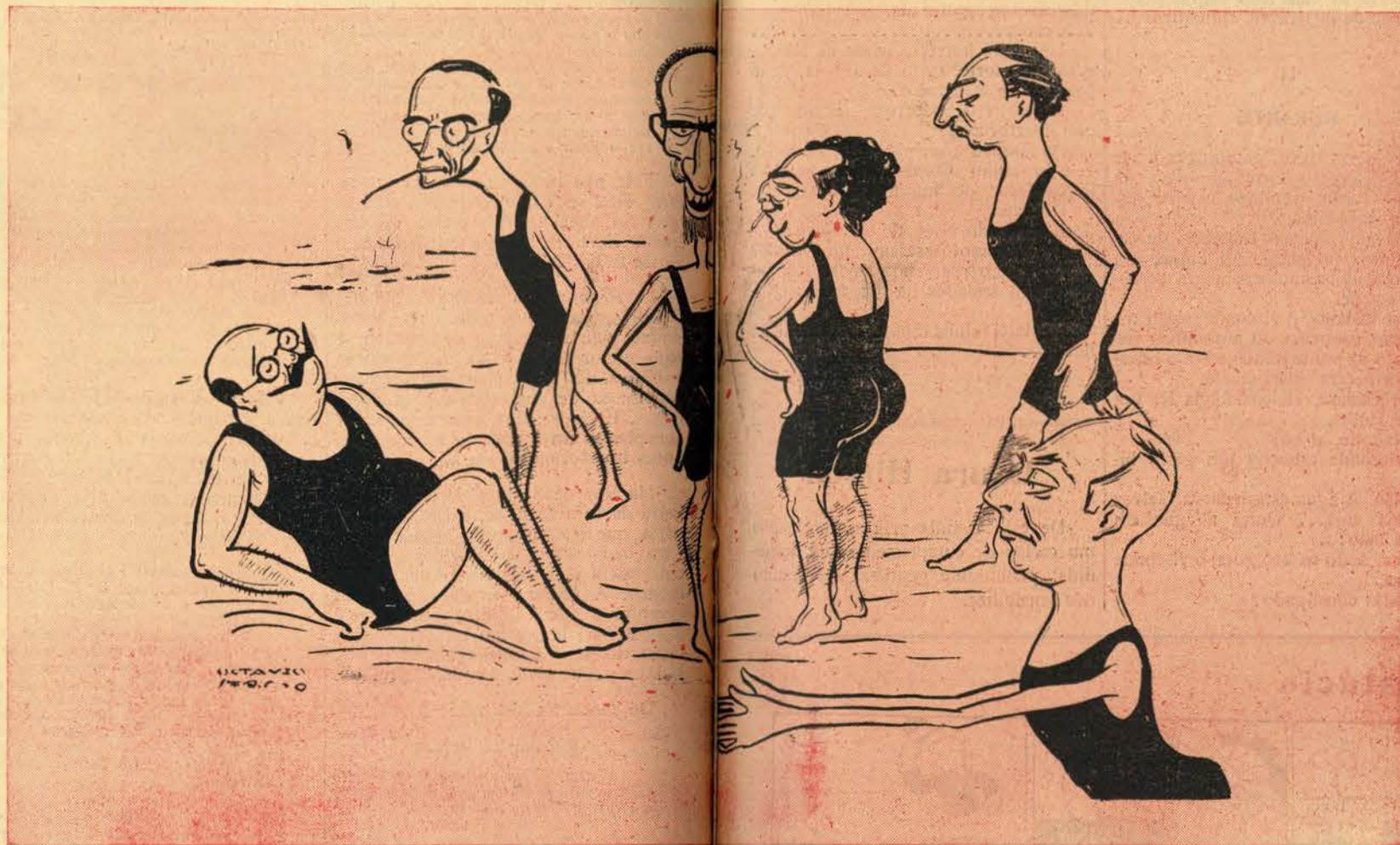
Era realmente uma mulher soberba, fresca, bela, jovem, forte, sem ser gorda, e portadora de uns olhos negros que destilavam ambrosia.

Comecei, então, a dizer-lhe isso mesmo, confessando-lhe por palavras

mais poéticas, que, não desfazendo em ninguém da sua família, a achava muitíssimo boasíssima. Um apetite, é que era!

Eu, farto do intercâmbio com as mutatas, regozijava-me por ter ali à mão de apalpar aquele riquíssimo naco nacional e, a pouco e pouco, arripou-me a espinha o grande frémito naciona-

MARIA RITA EM FÉRIAS



Como Vocelências vêm pela presente gravura, a rapaziada cá da gazea podendo com a canícula, foi-se de longada até às praias com o louvável intento de dar ar à pluma.

Ao centro, Marcial Jordão, lembrando um polvo com vagas reminiscências de aranguêjo. À sua direita, Octávio Sérgio, apolineamente rotundo, vinga todos os seus caricaturados. Ainda à direita d'este, o Dr. Campos Monteiro, Filho (Das) com a pornográfica bicanca e os lábios de sensualão. No primeiro plano, José de Artimanha, estendendo os braços em acrobacia náutica, exausto de comentários sobre as prosas dos Ecos de Cacia. Finalmente, à esquerda, Carvalho Barbosa espetado na sua tremenda boquiilha, e Arnaldo Leite na postura de dulcíssimo...

lista de a estreitar nos braços, ainda mesmo que pornográfico haja eu de parecer aos leitores.

Apertei discretamente as suas mãoszinhas de arminho, chamei-lhe meu *bijou* e pedi-lhe que me acompanhasse nessa noite ao Cinema Odeon, odeon... de uma pessoa, pela absoluta falta de luz, vê mais claro nestas coisas do Amor.

— E quanto ao estado deficitário do seu orçamento geral — disse eu delicadamente — nada de afligir... E acrescentei, como que segredando, com os lábios roçando voluptuosamente os seus esplêndidos cabelos negros: Se às vezes tiver qualquer precisão... não há azar.

Ela sorriu gratamente e deu uma aliciadora mordedela zinha no lábio, que nem por ser o inferior, era assim coisa de desprezar, e pôs termo ao dulcíssimo idílio extra conjugal, dizendo, deliciosamente plebeia:

— Vamos imora, que se faz tarde p'ró jntar.

Saimos. E já no passeio, dando-lhe a direita, do que peço mil desculpas ao casto leitor, ofereci levá-la a casa num *taxi*.

Dito ao *chauffeur* — Rua de Santo Amaro, 31, lá nos fomos os cinco — Ela, o *chauffeur*, o automóvel eu e o meu indecentíssimo intento, — pela Avenida Rio Branco abaixo, em demanda da sacrossanta rua do já citado Amaro.

Pelo caminho, por entre risadinhas selvagens de desejos nudistas, concertamos, que depois do jantar a viria buscar para a função cinematográfica.

De repente, no 31 de Santo Amaro, o automóvel parou.

Muito cheio da minha condição de homem civilizado, saio do auto e dou a mão, mesmo sem ela ma pedir, à minha beldade. E, curvando-me o mais cerimoniosamente que é possível a um homem gordo, apertado no sovaco o meu chapéu carteira, em jeito de gentil-homem do século XVIII, poucos mais ou menos, levo a nívela mão de Maria do Carmo da Silva Lopes, dos Lopes Petinga, da muito nobre e leal Setúbal, até os meus sequiosos lábios e aí deponho o *bouquet* florido de três valentíssimas beijocas em estilo de grande e fidalgo cumprimento.

E a Petinga, sentindo nas faces o sangue de todos os peixes seus antepassados, desarrinca da minha a sua mão, em gesto decidido de pudor e diz, cheia de orgulho:

— Vá, deixemo-nos de abusos, se não logo já não apareço.

Barão de SERGIPE.

DE



A inconcebível tragédia dum Pai que assassinou, inadvertidamente, sua própria filha

I

ANTES

Quando o Pai transpôs os umbrais da porta que dá para o passal, era noite já. Cá fora, no arvoredado do parque Monceau, as andorinhas pipilavam suavemente; e uma chuva impertinente e vil, desabava lá do alto, como quem se despede.

Na alcova, a juvenil senhora aguardava-o com os olhos fora das órbitas.

— Então?

O Pai, deixando-se cair numa cadeira, teve um gesto obsceno e amargurado. — E a filha tornou:

— Nada?

O velho Conde Sambreil curvou a fonte calva e melancólica.

— Sempre nada! — murmurou.

Houve um momento de silêncio, apenas interrompido pelo ciciar dum eléctrico que recolhia. Mas o pranto tétrico da filha arrancou-o ao simbólico tórpore que o amodorrava. E o velho Conde ergueu-se, desembainhando a espada flamejante:

— A natação será a sua morte! — tornou. — Afirma-me o Cardoso do Carmo, físico-mor especializado em queixas de peito, que o teu marido tem maus pulmões. Para que nada êle, pois?

Por sua vez, a juvenil senhora levantou-se também.

— Pai!... P!... E se nós o matássemos?

O venerando Conde teve um riso satânico.

— E o teu filho, Helena? Não te lembras que vais ser possivelmente mãe?

Helena deixou cair uma gargalhada diabólica, que ecoou no palácio como um trovão do Averno.

— A criança que me gira nas veias é filha de pai incógnito.

— ?

— Sim, Pai. Desconheço a sua proveniência. Mas dêle não é. Posso confirmá-lo com documentos, Pai!

Tornou a descer um silêncio. Os dois entreolharam-se. E um ódio formidável abriu as suas asas negras sobre aquele par de miseráveis antipáticos...

II

DURANTE

Duas horas após, continuava a ser noite. Um vento forte assobiava na ramaria. O céu, plúmbeo e triste, escurecera mais e mais.

Passavam ranchos cantantes de camelos loiros, uivando. Ao longe, um gramofone ululava uma romanza merencória e solene.

Nêsse instante, o visconde penetrava no castelo roqueiro. O automóvel parara junto da ponte levadiça — e o *chouffeur* adormecera solenemente.

Na recâmara, Helena fingia ler um livro de Horas.

— Nadaste, afinal?

O visconde esboçou um gesto lúbrico.

— Não. A água estava turva. Talvez a piscina suja... Quiçá a água em segunda mão...

Descalçando os bolegões, o visconde espirrava.

— Estás constipado?

III

DEPOIS

Nesse instante, o velho Conde Sambreil entrava, pé ante pé, na recâmara perfumada.

— Dorme? — ciciou êle.

Helena teve um gesto afirmativo.

— A hora soou, filha!

E acercando-se do interruptor, o miserável apagou a luz.

Um grito horrível ecoou na sala, — grito de morte, grito de agonia, grito pavoroso e assustador.

— Socorro! Socorro! — fez uma voz que estertorizava.

As lâmpadas acenderam-se de novo, — e o velho Conde sentiu a calva impaledecer de impotente desespero.

— Céus!

E a voz do visconde tropejava:

— Assassino! Assassino! Que fizeste?

Ao que o venerando ancião respondeu, com trinados na garganta angustiada:

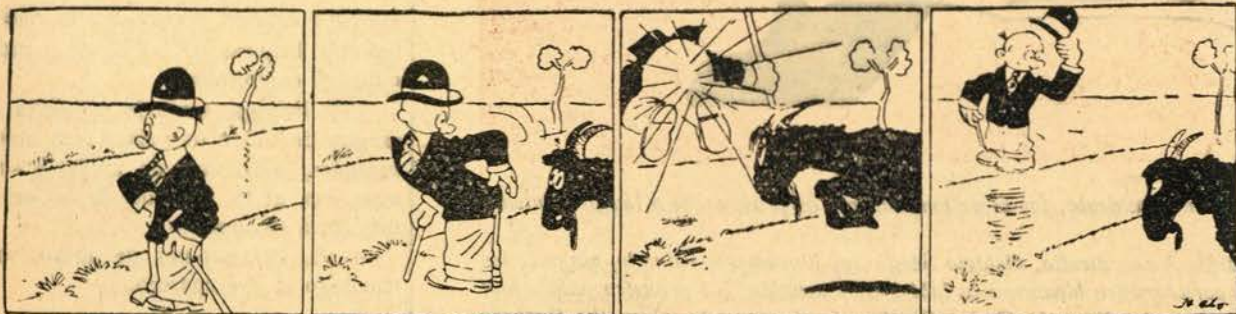
— Matei minha filha!... Matei minha filha!...

Lord BY.

Laura Hirsch

De esta distinta artista, recebemos um cartão de cumprimentos de despedida, penhorante gentileza que muito nos sensibiliza.

As férias do Sr. Anastácio



Ou uma travessia inteiramente Cabral...



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Não há folhas de alface que resistam. Os grilos estão a dieta; juro-te que só comem torradinhas.

Em volta de mim, — e com certeza também em volta de ti, porque o sol é para todos quando nasce, e quando queima — escorre do ar, da luz, da penumbra, da própria treva nocturna, infiltrando-se na pele amolecendo a vontade, volatilizando a inspiração, o mais alto e formidável calor que a humanidade tem visto. E olha que tem visto muitos!

Na hora que passa, cada ser humano, ou pelo menos cada ser lusitano, é um alambique. Não destilará de-certo, porque não destila ilusões, o Carborante Nacional. Mas bebe água, bebe cerveja, bebe pirolitos, bebe gasosas, chucha sorvetes, aspira carapinhadas, encharca-se por dentro quando se vê enxarcado por fora. E de tudo quanto bebe, porque só bebe e já não come, sai-lhe das meninges, pelo bico de onde paracamente jorrava o Pensamento (falo por mim, é claro; e o bico é o do aparato) — um fiozinho mole e banho de manteiga derretida.

Como se não bastasse a crise para a gente andar «de tanga», vem agora um fervidoiro destes sugerir-nos essa clássica indumentária, — dos tempos felizes em que a humanidade nunca se constipava. Se não fôssemos todos tão barrigudos, (sobretudo assim encharcados da água) e se as môscas não sentissem com êste estado das coisas climatéricas um ruidoso regozijo e uma gula audaz que lhes denunciava a origem hotentote — era desta feita que eu votava sem rebuços no nudismo. Por comodismo.

Apetece-me ser zulu, para achar que está fresco e ter a cabeça encarapinhada; ou ser esquimó, para ir, muito longe de aqui, na minha terra, entre penedos brancos e árvores afogadas de espuma, junto de algum milagroso relvedo, apanhar, no bruto chão que tem a virtude de os fornecer, sorvetes silvestres. E em vez disso aqui estou, — de mólho. Nem sequer sou careca; e invejo os carecas; tanto os que, brandindo uma ventarola, refrescam as circunvoluções em *prise* directa, como os que, por um tempo assim, continuam a ter a heroicidade de inculcar às môscas princípios de asseio — obrigando-os a limpar os pés ao capachinho.

Pensava falar-te de muita coisa, MARIA RITA. Mas com êste calor, passei a só pensar no calor. Mando-te, portanto, em vez de trinta pulsações do meu coração, trinta graus da minha temperatura. Vão à laia de pensamentos, despegados uns dos outros para não atafafarem. Só trinta, — porque daí para cima não se respira.

I — O termómetro é a *fountain-pen* do verão; e êste, ao contrário de Deus, escreve torto por linhas directas.

II — A felicidade é um sorvete em que a alma quereria meter a sua colherada.

III — Num tempo assim, é delicioso receber uma conta atrasada e não ter dinheiro para a pagar. Porque só pode ser delicioso um cidadão pensar: — estou fresco!

IV — Juro-te que hoje me suicidava se me chamasse Caldeira.

V — Tenho pena de ser formado em Direito. Sinto quarenta graus à sombra, — e um de bacharel.

VI — Deixei-me de tocar piano. O meu quinto dedo morria de insolação se pusesse a cabeça ao sol.

VII — Este tempo é anti-desportivo. Não futebole nem uma folha.

VIII — Tanto calor, é propício à bondade. Todo aquele que fôr lóbo desejará sinceramente despir-lhe a pele.

IV — Desaparecem os heróis. Secam tôdas as folhas de serviços à Pátria.

V — Amo os políticos desde que suspiro por ventoinhas.

VI — A água mole perde o seu poder perfurador quando se derrete a pedra dura.

VII — Uma onda de calor? Razão tinha S. Francisco de Paula ao caminhar sobre as ondas.

VIII — Onde se estava bem era no Vaticano. Sob os frescos de Miguel Angelo.

IX — Férias nos Tribunais. Férias até nos Paramentos, onde êles ainda vivem. — Deve ser para evitar discussões acaloradas. Bem basta o que basta.

X — O vizinho do andar de cima zangou-se ontem com a mulher por ela pôr, em volta do pescoço, um collar de coral. Tinha razão. Logo dois anagramas de calor.

XI — Uma das obras de misericórdia é visitar os encarcerados. Porque estão à sombra...

XII — Coitada da gente esperta! Ter, ainda por cima, lume no olho!

XIII — Vou riscar-me de sócio dos Bombeiros Voluntários — enquanto êles não apagarem o sol (que me importa a mim que fique Salamanca às escuras!)

XIV — Se eu tivesse automóvel, despedia agora mesmo o *chauffeur*.

XV — Desta vez é que eu acredito que a «Eva» se venda. Até aqui, achava tão esquisito quando lia nos reclamos que a «Eva» tinha uma grande tiragem...

XVI — Com um calor destes, todos os pãdegos vão para o Nova Sintra; — ninguém se quer meter no Ferro de Engomar.

XVII — A um miserável que se assinou «fervoroso admirador» respondo por êste correio com uma carta muito fria.

XVIII — Coitadinha da Verdade! Ter a sorte de viver num no fundo de um poço — e levarem-na para o Chiado, sob o manto, mesmo diáfano, da Fantasia!

XIX — Se Augusto Gil fôsse vivo, escrevia agora *A Abalada da Neve*.

XX — Os revolucionários brasileiros é que teem juízo; — olhem lá se êles não querem entrar em Pelotas.

XXI — Acabou-se a crise. Tôdas as empresas teem os lucros líquidos.

XXII — Parabens ao Hitler. O calor dilata os corpos de Exército.

XXIII — A culpa é das políticas de acalmação. Tanto fizeram, que até cai calma na natureza...

XXIV — Em França, vai desaparecer a crise da natalidade. Todos os casais andam derretidíssimos.

XXV — Sêbo! Em Portugal foi proclamada a República do Equador!

XXVI — Neste momento, não tinha vontade nenhuma de ser uma mulher ardente.

XXVII — Foi no inverno que eu escrevi as *Duas Chamas*. Se fôsse agora, não as escrevia.

XXVIII — Nesta altura, todos os autores adoram a crítica; — porque cada crítica é para êles um balde de água fria.

XXIX — Hora doce, hora inefável, hora altruista, em que cada qual arreda a brasa da sua sardinha!

XXX — São muito chochos, MARIA RITA, estes pensamentos. Mas é de propósito. Um espírito com calor não se deixa tocar pelo fogo sagrado.

E disse. Acredita no fervor da minha saídade.

Tomaz Ribeiro COLAÇO.



Cartas a tinta negra

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA:

Salve-a Deus!

Como vai a saúde e a vidinha? D. Angola, na mesma, coitadinha, A' espera do galeno Prometeus, Que ficou de curar-lhe a fina ância.

Finanças são o diabo! Enfim... — Sexa estudou-a bem; ao cabo, E' lente: — vê as coisas a distância.

O diagnóstico feito nos revela: A encefálica massa desviada Da craniana caixa, em dose grada, Por parasitas que gostavam dela.

Remédios a aplicar: — dieta pautal, Dez gramas de transf'rência em comprimidos, Cinto especial com furos mais seguidos, E clisteres de brio nacional.

O resultado, é claro, é certo... é nosso: A silhueta amoderniza, estica-a! Viste-la pobre? — Pois será lá rica! Não a ouviam? — Dir-lhe-ão: «já ôsso!»

Valer-lhe-á mais um «angolar» que um «duro», Será mais franco do que o próprio «franco» Na Inglaterra, na França, em qualquer banco! Herói da figa, há-de fazer figura!

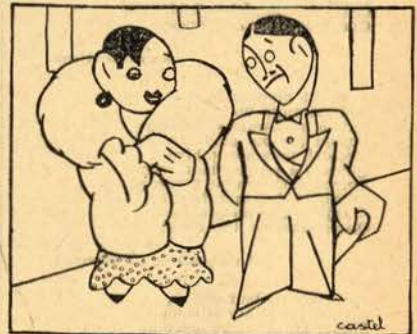
Ela era patriótica, — mais o seja! Dia virá em que abundância... nada! Dirá a Pátria: — O' filha! Diz-me amada! E a filha: — Que o teu 'scudo me proteja!

Virá tudo, virá, logo viremos! Vai ser um vira de alto lá com êle!... E a Angola nem cabe já na pele... Temos mêdo que estoire, — isso lá temos!... (E' o que nos resta... é fiel, é amiguinho... — E' nosso, é muito nosso! Ele e a quinina, São os dois. E' uma junta muito digna).

Adeus, ti'MARIA RITA.

Migue-LINHO.

Peles no verão



Ele — Então você, com um calor destes vem de casaco de peles?

Ela — O' filho, é de peles mas de Foca...



Para o mote

*Depois que me encontrei nu
Quero casar e não posso.*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

A Marirosa e a Lulu
Uma sociedade formaram,
E nunca mais me largaram
Depois que me encontrei nu.
Tódas queriam do bau
Um bocadinho mas do grosso,
Até me espremeram o trôço,
Quási me punham maluco
Pois me chuparam o suco
Quero casar e não posso.

Reirobi.

Vejam que destino cru,
Que viver amargurado;
Nunca mais fui cubigado
Depois que me encontrei nu.
E a marota da Lulu,
Podem crer, não é caroco,
Ao ver-me só pele e osso
Desisti do juramento,
Vejam que entristecimento,
Quero casar e não posso.

Oliju.

Deixei de ser corpo cru
Co' este calor tropical!
Só me sinto menos mal
Depois que me encontrei nu...
Que o leve Belzebuth!...
Mas o pior alvarço,
— O mais «rijo e duro osso»
É que estando p'ra casar,
C'ó o receio de abrisar
Quero casar e não posso.

Amaral.

Com minha prima Lulu
Ajustei o matrimónio:
Ontem no banho — demónio! —
Depois que me encontrei nu
Entrou no quarto a Jujú
— A criada — c'ó alimço,
Eu fiquei em alvarço
Dei-lhe um beijo — maroteira!...
A prima soube d'asneira
Quero casar e não posso.

A. L. (Marialva).

N'uma explosão de grisú
Aonde fui um dos afingidos
Só recuperei os sentidos
Depois que me encontrei nu
A Maria, eu e tu
Perdemos o que era nosso
E o melhor que era vosso
Ficou em estado lastimoso
Como fico também defeituoso
Quero casar e não posso.

Amarantino.

A minha vizinha Jujú
Deu-me volta no toutiço
Ontem no banho «Enguiço»
Depois que me encontrei nu
Resolvi, pois ser gabiru
Quando a «sopa» hom trôço
Entrou sem grande alvarço
Catrapus fez «maroteira»:
A Jujú soube da asneira
Quero casar e não posso.

Aragomes (Petrus).

Por artes de belzebu
Apar'ei entre um sívado...
Fiquei muito embasbacado
Depois que me encontrei nu.
O' Mimí: se fosses tu,
E eu te visse o «pescço»
O proveito era nosso,
Minha filha, podes crer...
Assim estou a sofrer:
Quero casar e não posso!

Sepol.

Eu tenho viver bem cru
Embora já mais refelto
D'este caior que lem felto
Depois que me encontrei nu.
Não sou feliz como tu
Não é viver como o vosso
Já com forças não me acho
Cai-me tudo para baixo
Quero casar e não posso.

Horriável.

Nas praias de Honolulu
Com um calor de rachar
Só consegui respirar
Depois que me encontrei nu.
Saltando como um Canguru
N'um mar diferente do vosso.
Vivo no mar n'um alimço
Não tenho mesmo comido
Estou fraco... e enfraquecido
Quero casar e não posso.

Lizé.

A Palinha é um «bijou»,
Consagrei-lhe o meu amor;
Ficou rubra de pudor,
Depois que me encontrei nu.
Ela guarda num bau,
Coisas de que muito trôço,
Para um bebésito que é nosso,
E que está para nascido,
Mas por «massas» não haver,
Quero casar e não posso.

Figueira do Inferno.

O naturista Lulú
Em conferência a todos diz:
— Sabem senhores o que eu fiz
Depois que me encontrei nu!...
Banhei-me em azeite cru...
Depois comi ao alimço,
Fruta podre e com caroco,
Tal qual faz um bacorinho!...
A «eles» sou igualzinho...
Quero casar e não posso!...

Orquídea.

Da excelência para o tu,
Dei um salto formidável
— Tratamento detestável —
Depois que me encontrei nu
E sabes querida Lulu,
Quem bem sofre este destroço?!...
É o coraçãozinho nosso...
Que, talvez, devido a isto
Nascu-me um inorme «Quisto»
Quero casar e não posso.

T. das Oliveiras.

Tenho dentro d'um bau,
Muito bem estimado,
Adelaide, o teu raminho...
Depois que me encontrei nu,
Nunca mais te vi, nem tu,
Me viste!... Garantir-te posso,
Que o filho que tens, é só nosso,
É meu e teu; é de nós os dois.
Mas vou dar-te um desgosto; pois,
Quero casar e não posso.

Rutra Senqram.

Bem me tinhas dito tu,
Minha Angela querida:
Que me ia correr bem a vida,
Depois que me encontrei nu!
E se eu soubesse como tu
Rezar um padre nosso!
Correria melhor o negócio...
Mas como rezar não sei,
Nem tão pouco aprenderei,
Quero casar e não posso.

Rutra Senqram.

P'ra eu saber se era um bijou,
Despi o meu corpo velho...
Vi que era belo ao espelho,
Depois que me encontrei nu!...
Direito como o bambu
A cutis, como de móço...
Fora o resto, isto é um esbóço!...
Mas sendo eu já velho, enfim:
As jovens fogem de mim...
Quero casar e não posso!...

Alfredo Cunha (Raza)

Do mote anterior:

A' sombra dos barabus
Na mata dos camarás
Dizia a móca ao rapaz:
Quanto mais se paga a luz
Menos «massa» há p'ra os pacus
Que vende ali sen Zé Naga
Na tasca do Pirancaga.
Veja lá, sorte danada!
Quanto mais é desejada
Tanto mais a luz se apaga...

Olegna.

Desde o Pôrto até Ormuz
Este rifão é verdade:
Menos luz há na cidade,
Quanto mais se paga a luz.
Isto afinal só traduz
Para má luz, boa paga;
E ainda por veniaga
Fazem do pagante bóbo!...
Quanto mais refil o povo,
Tanto mais a luz se apaga.

Zé Barão.

O pai de filhos, Vitor Cruz,
Cinquenta anos de idade,
Diz da electricidade:
— *Quanto mais se paga a luz,*
Quanto a menos o fio conduz!
De trabalhos uma carga,
A falta que bem se paga,
Deixá-lu! Passo usar archotes...
Porque vejo isto aos «volts»...
Tanto mais a luz se apaga...

Herr Ritófilo.

Eu até me benzo em cruz,
Eu até nem fico em mim,
Ao ver este mote assim:
Quanto mais se paga a luz;
Mas num «vante orasus»,
Seremos fortes, qual fraga;
Para exterminar tal praga,
Essa praga de estafermos,
Qu'enquant' o dinheiro dermos...
Tanto mais a luz se apaga!...

Rei Sem Trono.

Sinto sensações de truz,
No meu quarto de dormir
Logo que me acabo de despír.
Quanto mais se paga a luz
Mais eu sinto, ai Jesus,
Quando me livrarei desta praga!
D'esta imbecil, d'esta chaga,
D'esta maldita mulher,
Que faz de mim o que quer.
Tanto mais a luz se apaga...

Rutra Senqram.

Foi mesmo em casa do Cruz
Que a «Miquilinas da Calçada»
Me disse toda zangada:
Quanto mais se paga a luz.
Boquiaberto me pus,
Dizendo p'ro senhor Braga:
Sem dúvida! Isto é uma praga!
Quanto mais «massa» lhes damos,
Mais roubadinhos ficamos,
Tanto mais a luz se apaga.

T. das Oliveiras.

Pobre Zé!... Pobre lapuz
Ai vem um aumentozinho,
Lembra-te que é poucocohinho
Quanto mais se paga a luz.
Deliberou e não reduz
Em te fazer uma chaga
Não te parece uma praga!
Quando tu voltas da orgia
E por falta de energia
Tanto mais a luz se apaga.

Livela.

Um anexam eu me impus:
«Quanto mais caro custar,
Menos se deve comprar»
Quanto mais se paga a luz,
Mais o gasto se reduz.
Quem vende a ideia afaga
De receber maior paga
Se o preço a coisa subir,
Mas eu passo a reduzir...
Tanto mais a luz se apaga.

Amaral.

Mote para o próximo número:

*Poeta da Raza conhece,
O mistério do Amor!...*

Dentro em breve a MARIA RITA abrirá
entre os seus glosadores um formidável
concurso, com prémios de valor.



Quem é?

Como o outro seu homónimo,
Mal chegou viu e venceu.
Por ser romano, é da China,
— Mas português, digo eu...

Entre as mulheres, que «Olímpia»,
Mas à mesma todos vamos.
Avé César! Avé César!
Mas em domingo de Ramos!

BALTIMORE.

Anexim

— Eu q'ria pousar-te
Um beijo nas faces...
Fremente abençoar-te,
Se tu me deixasses...

Minha bem-amada:
Um «sim» diz, sòmente...
Respondes calada?...
«.....» (?)

XENOFONTE.

Adivinha

Só, eu estou em tôda a parte;
Com *M*, líquido sou;
Se com um *P*, sou dois entes,
Com um *L*, em casa 'stou!

ZARAVANZAN.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*
Waldemar Mota. *Anexim* — «Quem escuta de si
houve».

Matadores: Reirobi, Satiarf ed Mifled, Her-
-Nani Agê, Afonso «Relâmpago», Brancuras,
Toneca Barbas, Cardial Mina.

Lamentação

Também quis meter o bico
No jôgo do pim-pam-pum;
Por artes do Mafarrico
Na primeira só fiz um.

Fui a cinco na segunda
Fiquei um pouco contente,
Mas, ó sorte vagabunda!
— Fui abaixo de repente.

Na terceira grande azar!...
Apanhei esbarradela,
Fiquei fulo a berrar,
O' sorte... grande cadela!...

Na quarta, adeus minha vida...
Esbarradela de morte,
Fico a nove de partida
Má raio que parta a sorte.

Com a paciência gasta,
Depois de tanto trabalho,
Muitos recebem a «pasta»
Eu recebo um grado galho!...

Delfim de FREITAS.



Um dia de Termas

Nos primeiros dias de Agosto, o
Serapião Estreitininho voltou-se para os
seus numerosos amigos e fez a seguinte
declaração histórica e solene:

— «Isto na cidade, é uma chatice!
Morre-se de aborrecimento! Vou para
as termas tratar-me e distrair-me.»

*
* *

Como tinha tempo para tudo, o
Serapião resolveu lançar as suas impres-
sões ao papel, apontando os casos pas-
sados durante o dia, e descrevendo com
minúcia, em que tinha empregado o
tempo durante as 24 horas de que se
compunham os dilatados dias.

Vejamos os seus primeiros aponta-
mentos.

Dia 12 — Cheguei ontem à noite.
Como trazia muitas malas e muito sono,
deitei-me e adormeci.

Hoje acordei esplendidamente bem
disposto com umas pintas vermelhas
espalhadas pelo corpo. Não é coisa de
cuidado. Foram as pulgas. No rosto as
pintas eram maiores. Foram os mos-
quitos. Que engraçado!

Depois de ter chamado o criado
cinco vezes, apareceu-me a criada. Pedi-
lhe água quente. Trouxe-me fria. Teve
razão. E' muito mais higiénico.

Cheguei ao balneário às 9 da ma-
nhã para consultar o médico. Esperei
pela vez hora e meia. Enquanto espe-
rei diverti-me imenso. Li o *Janeiro*, o
Notícias e o *Comércio*. Traziam anún-
cios muito engraçados. No banco da
frente, outros doentes esperavam tam-
bém, abrindo a bôca e levantando-se
de vez em quando para irem cuspir ao
escarrador. Eu cuspi no lenço por pre-
guiça e por economia.

Depois da consulta, inscrevi-me e
fui tirar bilhete para a imersão. De-
ram-me o n.º 51. Tinha entrado o 29.
Uma hora de espera. Voltei a ler os
anúncios dos jornais. Chegou a minha
vez. Despi-me. Entrei na tina. Vinte
minutos de mólho! Que divertido!

Entretive-me a ver uma môsca voar.
Parecia um aeroplano. Subia até ao
teto, descia até roçar ao cimo da água,
para voltar a subir em espiral e des-
crever, na descida, um arrojado «loo-
ping-loop»! Este espectáculo era de
graça, já estava incluído no preço do
bilhete. Passaram os vinte minutos.
Uff! Até que enfim!

Tornei-me a vestir. Meio-dia. O al-
môço é à meia-hora. Despi-me para me
tornar a vestir!

Durante o almoço o calor tornou-se
asfixiante. Perdi o apetite. O meu colega
de mesa bebe como uma besta! Come
o arroz com a faca, e cada *facada* dá
direito a um copo de vinho! Que
alzar!

E agora, o que hei de eu fazer de-
pois do almoço? Como hei de passar a
tarde?

Desconfio que me vou divertir tanto
como pela manhã.

*
* *

Uma e meia. Abafa-se. Vou até à
porta do Hotel, mas não me atrevo a
sair com receio de morrer de insola-
ção. Mas que diabo hei de fazer para
passar o tempo? Que divertido isto é!

Pego novamente nos jornais. Já sei
de cor os anúncios dos vapores. Enfas-
tiado, atiro com os periódicos fora.
Levanto-me para ir dormir uma soneca.
Um cavalheiro amável aconselha-me a
que o não faça. «Se se deitar, acorda
estúpido e aborrecido». Fiz-lhe a von-
tade. Para não acordar aborrecido e
estúpido, deixei-me ficar numa cadeira,
muito estúpido e aborrecido.

E as môscas que me não largam!
Nada, vou-me distrair até ao Parque.

Compro o «Primo Basílio», que é
um livro de comer e chorar por mais,
e vou sentar-me, regalado, à sombra
de acolhedora árvore. Passam cinco mi-
nutos.

Sufoco! O calor é insuportável! Já
matei sete môscas! Duas nas pernas,
três na cabeça e as duas restantes, fica-
ram esborrachadas nas páginas do livro.
Folheio-o ao acaso. Os meus olhos pou-
sam na célebre cena do *Paraiso*...

Que sede. Mando vir uma cerveja
muito fresca.

O criado traz-me uma cerveja quente,
para compensar, certamente, a água
quente de manhã que estava fria! Mais
môscas! Mais calor! Que divertido tudo
isto é!

E lembrei-me eu que a estas horas,
no Pôrto, os meus amigos se abor-
recem estupidamente!

*
* *

São 4 horas da tarde. Se não fôsse
por vergonha, arranjava as malas e ia
aborrecer-me para o Pôrto...

LEIDOAR.

PEÇAS E



Um serão em família

Peça pregada a um inocentinho, em duas cenas e uma Quina

PERSONAGENS: A menina Quina, o pai da menina Quina, a mãe da menina Quina, o namôro da menina Quina, alguns verbos de encher ou visitas.

CENA I

Um corredor de casa mediocrementemente posta. Porta para a rua, com um postigo, por onde o namôro costuma falar à menina Quina, postigo êste gradeado, por causa das dúvidas.

A MENINA QUINA, *acorrendo a abrir a porta, em virtude duma forte campainhada:*

São nove horas menos dez!
E' hoje a primeira vez
Que cá em casa vai entrar
O meu Bertoldo adorado!
Não tardará a chegar,
o meu amado!
Ah! Que noite vou passar,
Vendo-o, o quino jogar,
Podendo, assim, à vontade
P'ra êle olhar!
Olhar só? Manda a verdade
Dizer-se, que espero bem,
Desta minha intrepidez,
Ir mais além!

(pensando)

Sim, talvez...

(*Abre a porta e dá de cara com os primeiros verbos de encher, um casal de visitas.*)

Olha quem são!
Como é que vão?
Como está o seu Lili?
Eu ainda ontem o vi!

(com entusiasmo)

Um rapagão!

(*O Lili é raquítico e tem uma corcunda que faria inveja a um camelo. Ela repete:*)

Um rapagão!

(*As visitas vão entrando, dizendo muitas babozeiras a respeito do Lili e farejando o ar, onde paira um cheiro a gato que não cumpre a lei seca. Mais visitas chegam e por último aparece à porta o nosso herói.*)

O NAMORO DA QUINA, *muito respeitoso:*

Enfim, vou transpor o umbral
Do castelo da ilusão!
Ah! Quininha! O coração,
Sinto-o tal qual,
Como no dia fatal
Em que parti uma côxa...

A QUINA, *interrompendo-o:*

Bertoldo, não seas troixa!
Dá-me os teus braços! Assim!
Chega-te bem para mim;
Não tenhas medo, meu q'rido!
E' preciso aproveitar
a noite que vai passar!
Sê arrojado, atrevido!

(*Beija-o demorada, asfixiantemente. Seguem os dois ao longo do corredor. Ela, a certa altura dá-lhe um grande beliscão numa perna, que o faz entrar na sala a coxear.*)

CENA II

Sala de estar, muito rocôco e pretenciosa. Grande mesa de jôgo, ao centro. Em redor dela, os pais da Quina, o namoro e algumas visitas. Joga-se animadamente.

A MÃI DA QUININHA, *de saca das bolas na mão:*

Meus senhor's, muita atenção!
Outra bola vou tirar
C'o a minha mão!
Quem será que vai quinar
E levantar
Tôda a massa que aqui 'stá?
(tirando uma bola:)
Quarenta e seis!

UM DOS VERBOS DE ENCHER, *marcando:*

Alto lá!
Toca a tirar de vagar
Essas bolinhas, pois eu
'Stou aqui, 'stou a acabar!

A MÃI DA QUINA, *entre dentes:*

Vilão! Sandeu!
Deixa estar que hás de ganhar
O que a Maria ganhou...

A QUINA *vendo o seu namorado marcar também:*

Mamã, repare!
O Bertoldinho quadrou!

A VISITA, *olhando-o de soslaio, baixo:*

Se ganha, parto-lhe a cara!

O PAI DA QUININHA, *mal humorado:*

Alto! Isto assim
Não pode continuar!
Todos marcam, só p'ra mim,
Nem um número p'ra quadrar!
(baixo, vendo a massa da mesa:)
E que bem que me quadrava
Tôda aquela gorda massa!

O NAMORO DA QUININHA, *querendo ser amável com as jogadas do sogro:*

Quem porfia, mata caça!
(*Com uma das mãos debaixo da mesa procura a mão da Quininha, que está ao lado do pai. Enganando-se agarra na manípula dêste e faz-lhe umas festinhas ao correr do péto. O pai, que percebeu a intenção, agarra por sua vez na mão da filha, a quem transmite, em segunda-mão, as carícias do Bertoldo!*)

A MÃI DA QUINA, *continuando:*

Vinte-e-cinco! Trinta-e-sete!

O VERBO DE ENCHER, *refilão:*

Só o susto que nos mete
Por cada bola que sai!...

O NAMORO DA QUINA, *com a mão do pai dela, muito agarrada na sua:*

'Stamos quási! A coisa vai!

O PAI, *baixo, rosnando:*

Tens razão! Não tarda um ai
Que eu te ponha, grande tolo,
As ventas tôdas num bolo!

O NAMORO, *fitando muito a Quininha:*

Neste jôgo, uma só quina
Eu desejo conseguir!
Se ela vem, é uma mina!

A QUININHA, *dengosa:*

E porque não há de vir!

A MÃI, *continuando a tirar bolas:*

E' o onze!

O NAMORO, *alegríssimo:*

Eu acabei!

(*Aperta a mão do pai da Quina, a ponto de êle fazer uma careta de dor.*)

Quinei eu! Quinei! Quinei!

(*Alambaza-se com a massa tôda, enquanto um dos verbos de encher, rosna:)*

Arre burro! Sorte assim
Só filho de padre a tem!

O PAI DA QUINA, *que já não podia mais das mãos, entregando a filha ao Bertoldo:*

Como quinou... Vá lá... Sim...
Leva esta quina também!

Dr. KNOX.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A célebre opereta, extraída dum conto de Júlio Diniz, *Leiteira de Entre Arroios.*

S. João: Não há bilhetes na casa.

Águia d'Ouro: A super-produção *El-rei diverte-se*, com Emil Chautard e François Rosay nos protagonistas.

Olimpia: Cinema sonoro, com as melhores produções.

Passos Manuel: Variedades.

Batalha: O filme de aventuras, com Tom Mix e o cavalo Malacara, *Tom Mix jogador de Polo.*

CONCURSO "PIM-PAM-PUM"

Lista dos concorrentes pelos quais é sorteado o aparelho de T. S. F. da marca R. C. A. O feliz que tiver o número da sorte grande queira apresentar-se para levar o aparelhozinho.

Maria Alice	1 a 32	Mário Rito 4.º	2721 a 2752	Antônio Pires de Figueiredo	5377 a 5408
Manuel Monteiro	33 a 64	João A. da Rocha	2753 a 2784	F. Leal Júnior	5409 a 5440
Eugênio Ribeiro de Freitas	65 a 96	Irene Casimiro Barbosa Santos	2785 a 2816	Astra	5441 a 5472
Rosa da Purificação dos Santos	97 a 128	Um Ponto na Botica	2817 a 2848	Rodrigo da Silva	5473 a 5504
Antônio Alves	129 a 160	Antônio Alves 5.º	2849 a 2880	Joaquim Moreira Martins dos Santos	5505 a 5536
Jaime Lopes Coelho	161 a 192	Antônio Dias de Almeida	2881 a 2912	Rei Rem Trono	5537 a 5568
Ruy Manuel Marques Teixeira	193 a 224	Mimosa de Jesus Leal	2913 a 2944	J. Ribeiro	5569 a 5600
Antônio Artur dos Santos	225 a 256	Francisco Odemiro Novais Carneiro (Diro)	2945 a 2976	Antônio Vicente da Rocha	5601 a 5632
Clé	257 a 288	Maria de Lima Querida Reis	2977 a 3008	O Sol da Ásia	5633 a 5664
Enor de Sá Gomes	289 a 320	Ernesto Lacerda (Adrecal)	3009 a 3040	Alvaro Moreira	5665 a 5696
Ramina ou Aromina	321 a 352	Francisco Oliveira Charneira	3041 a 3072	Romeu Pereira	5697 a 5728
Augusto Antônio Soares da Cunha	353 a 384	J. Loureiro Capelão 1.º	3073 a 3104	Francisco Fernandes	5729 a 5760
Arnaldo Lopes	385 a 416	Belsai Belis	3105 a 3136	D. Afonso Henriques	5761 a 5792
Joaquina Charneira	417 a 448	Chico dos Figos (Kikinho)	3137 a 3168	Fan-Fan	5793 a 5824
Olha Pramisto	449 a 480	Carmen Martins de Carvalho	3169 a 3200	José dos Santos 21.º	5825 a 5856
Rosa Branca	481 a 512	Mazaruca	3201 a 3232	Judex	5857 a 5888
Rei dos Borlistas	513 a 544	Alfredo Correia de Vasconcelos	3233 a 3264	José Marques 5.º	5889 a 5920
Sezenem	545 a 576	Cardoso Pinto	3265 a 3296	José Marques 4.º	5921 a 5952
Zecas Laimes	577 a 608	Maria Júlia Martins de Lima	3297 a 3328	José Marques 3.º	5953 a 5984
Zé Zabumba	609 a 640	Dobrano	3329 a 3360	José Tavares Brandão	5985 a 6016
Rosalina Cunha	641 a 672	Um Preto que tem a Alma Branca	3361 a 3392	Arlindo Joaquim Pinto da Fonseca	6017 a 6048
José Vaz da Silva	673 a 704	Sua Excelência Eu	3393 a 3424	Emilia da Trindade Soares Colaço	6049 a 6080
João A. Correia da Silva	705 a 736	Homem de Gelo	3425 a 3456	F. Aidrac	6081 a 6112
Calus	737 a 768	Esperança	3457 a 3488	Manuel Cardoso de Vasconcelos	6113 a 6144
Laura Ascensão Silva	769 a 800	Alfredo Correia de Vasconcelos 1.º	3489 a 3520	José Mendes	6145 a 6176
A. J. A. R.	801 a 832	J. Marques Anchão	3521 a 3552	Manuel da Silva Guimarães (Rei do Orco)	6177 a 6208
A. Sequeira	833 a 864	Henri Carat	3553 a 3584	José Rubens Martins	6209 a 6240
Olivia Rocha	865 a 896	Amélia Pinto	3585 a 3616	Manuel de Brito	6241 a 6272
Pica Chouricos	897 a 928	Napoléon Bonaparte	3617 a 3648	Vitor José	6273 a 6304
Anastácio Rodrigues	929 a 960	J. C. Barreca	3649 a 3680	Carlos Alberto da Silva Campeão	6305 a 6336
Elmano Simas	961 a 992	O Feliz	3681 a 3712	Granada Maneca	6337 a 6368
Gracinda Queiroz	993 a 1024	José Moreira dos Santos	3713 a 3744	Antônio Fonseca Soares Júnior	6369 a 6400
Antônio Alves	1025 a 1056	Manuel Moreira Martins dos Santos	3745 a 3776	Carolina Vasconcelos	6401 a 6432
Amil Ocirema	1057 a 1088	Antônio Marinho	3777 a 3808	O Sol da Ásia 2.º	6433 a 6464
Alberto Coelho da Silva	1089 a 1120	Fernando Afonso Rodrigues dos Santos	3809 a 3840	M. Ribeiro da Fonseca	6465 a 6496
Eduardo Lopes Vieira	1121 a 1152	O Senhor do Universo	3841 a 3872	José Ferreira Ramos	6497 a 6528
José Marques	1153 a 1184	Vencerei	3873 a 3904	José Barros	6529 a 6560
J. Loureiro Capelão 3.º	1185 a 1216	Secoalho	3905 a 3936	Emília Gonçalves	6561 a 6592
José Eurico 1.º	1217 a 1248	Madame Bovary	3937 a 3968	Mário Pereira de Carvalho	6593 a 6624
José Eurico 2.º	1249 a 1280	Maria Alice Emília	3969 a 4000	Tailleur 1.º	6625 a 6656
Mariassinha Ritasinha	1281 a 1312	Maria Alves	4001 a 4032	Cafaiete 2.º	6657 a 6688
Miguel Hipólito Rodrigues	1313 a 1344	Maria Helena Sousa	4033 a 4064	Manuel Alberto Teixeira (Elmano XX)	6689 a 6720
Kike Praça de Vasconcelos Gonçalves	1345 a 1376	João Almeida	4065 a 4096	Anfere Esporão	6721 a 6752
Virão Cempaus	1377 a 1408	Inês de Brito	4097 a 4128	O Homem que nunca Ri	6753 a 6784
Greta Garbo	1409 a 1440	Rei Preto	4129 a 4160	José Pires	6785 a 6816
A. Pereira da Silva	1441 a 1472	Maria Laura Dias	4161 a 4192	Manuel Carlos Maia	6817 a 6848
Aida da Conceição	1473 a 1504	Alice Ermelinda Cruz	4193 a 4224	Orlando Lopes Fial	6849 a 6880
Guicha	1505 a 1536	Berta Almeida Paiva	4225 a 4256	Mário Rito 2.º	6881 a 6912
Mário Rito 5.º	1537 a 1568	Maria Helena Rocha	4257 a 4288	Mário Rito 3.º	6913 a 6944
Rei da Sorte	1569 a 1600	Cristiano Santos	4289 a 4320	Zenabiça	6945 a 6976
J. A. R.	1601 a 1632	Júlio Magalhães	4321 a 4352	Burrié	6977 a 7008
Alvaro Meneses	1633 a 1664	Emília Almeida	4353 a 4384	W. X.	7009 a 7040
Arlindo Araújo Regalo	1665 a 1696	Armênio Martins	4385 a 4416	José Albertino Nogueira Alves 1.º	7041 a 7072
Artur Raúl Oliveira Marques	1697 a 1728	Maria das Neves	4417 a 4448	José Albertino Nogueira Alves 2.º	7073 a 7104
Bravo	1729 a 1760	Maria da Ressurreição	4449 a 4480	João Tino	7105 a 7136
Bonifácio Guilherme Silva	1761 a 1792	João das Crastas	4481 a 4512	Emílio Tavares Vieira	7137 a 7168
Chega-me Isso	1793 a 1824	Manuel Carvalho e Sousa	4513 a 4544	Maria Adelaide Fernandes	7169 a 7200
Fernando Coelho da Silva	1825 a 1856	Adriano Emílio Fernandes	4545 a 4576	Emílio Vasconcelos	7201 a 7232
Foge que te agarro	1857 a 1888	Farm	4577 a 4608	João Manuel Jardim Aranha	7233 a 7264
Erçila	1889 a 1920	Antônio Alves 2.º	4609 a 4640	Armando Carvalho	7265 a 7296
Folhão Barrote	1921 a 1952	Antônio Alves 1.º	4641 a 4672	Carlos Alberto das Neves Teixeira	7297 a 7328
Gardina Maria Fernandes Couto	1953 a 1984	Luciano da Rocha	4673 a 4704	Pedro Ribeiro Colaço	7329 a 7360
J. Aidrac Artutnev	1985 a 2016	Maria de Jesus	4705 a 4736	Serafim Parente	7361 a 7392
J. Loureiro Capelão 2.º	2017 a 2048	M. Viana	4737 a 4768	Raul de Deus Real	7393 a 7424
José Marques 2.º	2049 a 2080	Carlos José de Almeida	4769 a 4800	Maria de Lourdes Quintanilha	7425 a 7456
Joaquim Ferreira da Silva	2081 a 2112	Manuel Tino	4801 a 4832	Herculano Mendes	7457 a 7488
José de Mascarenhas	2113 a 2144	Maria Cândida Teixeira	4833 a 4864	Manuel Marques Figueiredo	7489 a 7520
Luiza Machado	2145 a 2176	Mínico & Saldanha	4865 a 4896	Gubipilo	7521 a 7552
Manuel Duarte Ramos	2177 a 2208	Francisca Tereza Soares	4897 a 4928	Maria de Lourdes F. Noutel	7553 a 7584
Manuel Martins da Silva	2209 a 2240	Fra Dick	4929 a 4960	Eurico Brandão	7585 a 7616
D. Maria Adelina Santos	2241 a 2272	Maria Paula	4961 a 4992	Adelino Mendes Leal	7617 a 7648
Medeiros Martelo	2273 a 2304	José Manuel Moreira	4993 a 5024	José Loureiro	7649 a 7680
Memino Manuel Júlio Teixeira	2305 a 2336	Libertino	5025 a 5056	Hilário Albano	7681 a 7712
D. Maria Arminda da Conceição Silva	2337 a 2368	Mário Antônio Santos	5057 a 5088	Brilhante	7713 a 7744
Tip Top	2369 a 2400	José Braga	5089 a 5120	Mar Morto	7745 a 7776
Zé Zecas Zecão	2401 a 2432	Antônio Ferreira Gonçalves	5121 a 5152	Flor e Margarida	7777 a 7808
Cuco	2433 a 2464	José dos Santos Oliveira	5153 a 5184	Daniel Gomes	7809 a 7840
E. A. de Sousa	2465 a 2496	Arsênio A. Nunes Pereira	5185 a 5216	Amílcar Almeida de Oliveira	7841 a 7872
Zequinha C.	2497 a 2528	Maria Dulquer	5217 a 5248	Ligia Bastos de Oliveira Marques	7873 a 7904
Secoalho	2529 a 2560	Greta Garbo	5249 a 5280	José Almeida Gonçalves	7905 a 7936
Oscar da Silva	2561 a 2592	Saxias 3.º	5281 a 5312	Angelo Menezes	7937 a 7968
Rosa Martins de Jesus	2593 a 2624	José Martins	5313 a 5344	Zabel Zinha	7969 a 8000
Arirref	2625 a 2656	Kika	5345 a 5376		
Maurice Chevalier	2657 a 2688				
Mário Rito	2689 a 2720				

(Continua na página seguinte).

Os Concursos da "Maria Rita,"

O acolhimento do público ao nosso primeiro concurso de Pim-Pam-Pum (e dizemos primeiro, porque havemos de fazer segundo se Deus nos der vida e saúde) foi de tal forma gentil e animador que não podemos por nenhum motivo deixar de corresponder a êsse acolhimento.

E como? Pensamos nós.

—Da maneira mais simples... respondeu-nos o homem das Artimanhas ca da casa. Fazendo um novo concurso, mais rápido, mais simples e da mesma forma lucrativo.

Foi assim que nasceu a ideia do *Concurso de Setembro*, ou o

AUTOMÓVEL-MISTÉRIO

concurso simplicíssimo e que se resume nisto:

A MARIA RITA publicará tôdas as semanas um mapa de Portugal (parte Norte do Tejo) Nesse mapa será representando gráficamente o seguinte:

Diversas cidades importantes

Diversos rios principais

» monumentos célebres

Diversas estâncias termas

» praias da Beira-mar.

Depois, cada semana a MARIA RITA perguntará aos seus leitores:

Qual é o itinerário do

AUTOMÓVEL-MISTÉRIO?

E dirá para facilitar, que nessa semana o automóvel, terá de atravessar tantos rios, passará tantas praias ou termas, visitará tantos monumentos, e parará em tantas cidades.

Restará ao concorrente o adivinhar quais as cidades, os rios, etc., que o

AUTOMÓVEL-MISTÉRIO

atravessará.

PRÉMIOS

Ao concorrente que adivinhar o itinerário certo, o qual terá de ser desenhado a tinta no próprio mapa que a MARIA RITA publicará,

500\$00.

Aos concorrentes que derem só 1 erro: três prémios de 100 escudos, ou sejam

300\$00.

Aos concorrentes que derem só 2 erros: quatro prémios de 50 escudos, ou sejam

200\$00.

Aos concorrentes que derem só 3 erros: cinquenta prémios de 10 escudos representados por livros de igual valor, ou sejam:

500\$00.

E aqui tem V. Ex.^a um concurso do

AUTOMÓVEL-MISTÉRIO

simples, rendoso e rápido visto que é tó las as semanas. Os mapas já marcados, terão de ficar em nosso poder até à quarta-feira seguinte, para se fazer o apuramento de acôrdo com o verdadeiro itinerário que a MARIA RITA publicará, e estará patente ao público, devidamente lacrado e selado como de costume, nas montras da Agência de Publicações da Praça da Liberdade.

CONCURSO "PIM-PAM-PUM"

(Continuado da página anterior).

Alto Certificação	8001 a 8032	Alice Santos	8641 a 8672	Napolpa	9281 a 9312
Armindo Alpoim e Menezes	8033 a 8064	Maria Regina Mendes	8673 a 8704	Humberto J. Branco	9313 a 9344
Fernando Avila	8065 a 8096	Maria Celeste Pereira	8705 a 8736	António Soares de Sousa	9345 a 9376
António Cândido Flores	8097 a 8128	Loduvina Pinba	8737 a 8768	J. Rodrigues da Silva	9377 a 9408
Dr. João Belezza	8129 a 8160	Rita Saraiva	8769 a 8800	António Carvalho	9409 a 9440
Manuel de Carvalho e Sousa	8161 a 8192	Gracinda Frias	8801 a 8832	João do Minho	9441 a 9472
António Carneiro	8193 a 8224	Tereza Campos	8833 a 8864	Maria Lígia Pereira	9473 a 9504
Maria Teresa	8225 a 8256	Alberto Queirós	8865 a 8896	Manuel Alves	9505 a 9536
Alfredo Valente Serrano	8257 a 8288	Pedro Garcia	8897 a 8928	A Baganha	9537 a 9568
António Rodrigues da Graça	8289 a 8320	Florentino Moreira	8929 a 8960	José Baltazar Teixeira	9569 a 9600
Maricas	8321 a 8352	Eduardo Silva	8961 a 8992	Fernando Afonso Henriques da Silva	9601 a 9632
José Amadeu Martins de Sousa	8353 a 8384	Cristiano Costa	8993 a 9024	Rogério Pereira Braga	9633 a 9664
Manuel Simões de Figueiredo	8385 a 8416	Maria Rosa Lopes dos Santos	9025 a 9056	Henrique C. S. Martins	9665 a 9696
Rosa Rocha	8417 a 8448	José Alves Pinheiro	9057 a 9088	Estevão Hugo Aragão	9697 a 9728
Maria Lucinda	8449 a 8480	Durval Arnaldo Pereira de Brito (O Casquinhas)	9089 a 9120	Miss Esfinge	9729 a 9760
Mário Luis Pereira	8481 a 8512	José Marques 6.º	9121 a 9152	Zeca do Olho Preto Barba Azul & C.ª L.da	9761 a 9792
Conde de S. Gens	8513 a 8544	Artur Carvalho Júnior	9153 a 9184	Maria Tereza	9793 a 9824
Julinho Moreira	8545 a 8576	Henrique H. Cruz	9185 a 9216	Joaquim Jorge Martins de Lima	9825 a 9856
Élzinha Pinto	8577 a 8608	Lutero Lourenço Correia	9217 a 9248	Claustro Jaques de Abreu	9857 a 9888
Mário Luis Souto	8609 a 8640	Virgílio Mota Veiga	9249 a 9280		